

Olhares de fora

A este interessante pórtico de entrada para uma reflexão poder-se-ia acrescentar uma outra asserção interrogativa: mas não são sempre os nossos olhares, "olhares de fora"? Será que em rigor eu posso ter "olhares de dentro"? Ou não terão, todos os olhares, a duplicidade de serem, simultaneamente, "de dentro" e "de fora"?

A nossa vida é feita de vários "dentros" e não menos "foras" e a causa de tudo isto prende-se ou radica nos olhares. Quando olhamos para quem quer que seja estamos a ver o seu lado de "fora". Se queremos ver "dentro" temos que lhe abrir a "alma" ou, pelo menos, temos que fazer com que ele ou ela no-la abra. Se estou preso na caverna de Platão e vejo passar as sombras que verdadeiramente julgo serem a realidade, o meu olhar, que quer ser um critério de verdade, vê de dentro para "fora" mas vê errado julgando ver certo ou correctamente.



Por isso a pergunta que segue faz todo o sentido: quando é que o que vemos corresponde à verdade? Mas as coisas não ficam por aqui. Vamos de comboio, olhamos a paisagem pela janela. Se se nos ativermos, em pura abstracção, àquilo que vemos e só aquilo que vemos, o que se passa é que estamos parados e é a realidade (a paisagem) que vertiginosamente corre lá fora. É isso o que nos "diz" o nosso "olhar". Sabemos que as coisas não são assim porque à falaciosa informação que o nosso "olhar" nos dá junta-se todo um conjunto de contextualizações informativas que "mostram" que não pode ser verdade aquilo que nos parece como verdadeiro. O que resulta do nosso "olhar" é corrigido por toda uma pluralidade de informação que nos diz que é o comboio que vai a andar e a paisagem (o real verdadeiro) é que está parada. O que nos leva a pensar como são enganadores os sentidos. Como é enganador o nosso "olhar".

Porém, a expressão “olhares de fora”, se escavarmos um pouco mais, encerra ainda outras surpresas. Em primeiro lugar, assume, implicitamente, que há “olhares de dentro”. Isto é: aceita, por inteiro, um território-objecto que pode ser visto de fora para dentro e que também pode ser observado de dentro para dentro. Mais. Ao estabelecer esta dicotomia quer, de igual jeito, tirar conclusões de ordem epistemológica e mesmo de ordem axiológica. Em termos muito simples quer dizer o seguinte: aquele que olha de fora para dentro o território-objecto tem uma superioridade epistemológica porquanto carrega consigo uma maior objectividade analítica e essa mesma superioridade se revela no domínio epistemológico na medida em que o que vê de fora assume uma maior imparcialidade no juízo valorativo. Donde, à primeira vista, quem vê de fora, vê melhor, mais fundo e de maneira mais imparcial. Temos, porém, as maiores dúvidas de que as coisas sejam deste jeito.

Na verdade, mesmo que se aceitem, como linha de máxima, aqueles axiomas anteriores, é indubitável que quem vê de fora perde toda a riqueza que a concretude dá ao território-objecto. Só quem vê de dentro para dentro é que pode perceber os mil fios de seda que unem e fazem a realidade. Só nesse emaranhado que irrita a sistemática da observação de fora para dentro é que nos podemos dar conta do que é verdadeiro. Nos podemos dar conta daquilo que é feito de sangue, suor e lágrimas. Olhemos as coisas a partir de “fora” mas não esqueçamos nunca os olhares de “dentro”. Tudo, mas tudo, tem um “fora” e um “dentro”.

Assim, tal como devemos desconfiar dos homens de um “só livro” também não devemos dar a nossa confiança ao absoluto do “olhar de fora”. Sintamos com o nosso “olhar” o dentro para, mais ricos e mais sábios, podermos olhar de “fora” esse mesmo “dentro”. Porque não há “fora” sem “dentro” e não há “dentro” sem “fora”.

José de Faria Costa
(Professor Catedrático da Faculdade de Direito de UC)

Nota: Por opção do autor, este artigo não foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico